

“A soja esmaga”: reverberações do plantationoceno no conto “Má sorte”, de Paulliny Tort

“Soybean smashes”: reverberations of plantationocene in Paulliny Tort's short story “Bad luck”

Ernani Silverio Hermes

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO¹

Devido às urgências de nosso tempo, novas categorias teóricas surgem para dar conta de um mundo em colapso. Crutzen e Stoermer (2000) chamam isso de antropoceno: a ação humana torna-se uma força geológica. Contudo, surgem propostas alternativas, como o plantationoceno pensado por Donna Haraway e Anna Tsing (2016): a colonialidade como meio estruturante de um sistema que conduz ao colapso da natureza. O objetivo deste artigo é mobilizar essas discussões teóricas como operadores de leitura para analisar o conto “Má sorte”, da escritora brasileira Paulliny Tort (2021). No conto, categorias como espaço, personagem e enredo reverberam uma realidade atravessada pelas estruturas do plantationoceno: a exploração do humano e do não humano em um modo colonial de habitar a Terra (Ferdinand, 2022). Para tanto, em um primeiro momento, discuto o conceito de plantationoceno a partir de Haraway e Tsing (2016), e Ferdinand (2022) para, em seguida, analisar o conto.

Ernani Silverio Hermes

Doutorando em Letras – Estudos Literários (UFSM/CAPES). Mestre em Letras – Estudos Literários (UFSM) e graduado em Letras (URI). Professor efetivo da área de linguagens do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: ernani.hermes@gmail.com
lhamas@uel.br

PALAVRAS-CHAVE

Antropoceno. Plantationoceno. Literatura Brasileira Contemporânea.

ABSTRACT

Due to the urgencies of our time, new theoretical categories emerge to account for a collapsing world. Crutzen and Stoermer (2000) call this the Anthropocene: Human action becomes a geological force. However, alternative proposals arise, such as the plantationocene thought by Donna Haraway and Anna Tsing (2016): Coloniality as a structuring means of a system that leads to the collapse of nature. The aim of this article is to mobilize these theoreti-

Recebido em:

18/12/2024

Aceito em:

31/05/2025

AGOSTO/2025

ISSN 2317-9945 (On-line)

ISSN 0103-6858

p. 202-213

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

cal discussions as reading operators to analyze the short story “Bad Luck” by Brazilian writer Paulliny Tort (2021). In the story, categories such as space, character, and plot resonate with a reality permeated by the structures of the plantationocene: the exploitation of both human and non-human in a colonial way of inhabiting the Earth (Ferdinand, 2022). Therefore, initially, I discuss the concept of plantationocene based on Haraway and Tsing (2016) and Ferdinand (2022) to subsequently analyze the short story.

KEYWORDS

Anthropocene. Plantationocene. Contemporary Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea tem no seu horizonte questões urgentes de nosso tempo, como discussões em torno de raça, gênero, classe e sexualidade. Assomando-se a essas problematizações, começa a tomar corpo uma produção literária que tem no seu horizonte os temas ambientais, tais como os romances *A extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polezzo (2021), *Maria Altamira*, de Maria José Silveira (2020) e *Água Turva*, de Morgana Kretzmann (2024); tal qual no campo do conto, como em *O Deus das avencas*, de Daniel Galera (2021) e *Erva brava*, de Paulliny Tort (2021). É evidente que o tópico não é novo na literatura brasileira: *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, de 1938, por exemplo, já tratava o tema, com a saga de personagens que hoje poderíamos chamar de refugiados climáticos.

Todavia, há dois pontos de distinção entre a tradição literária e a contemporaneidade. Há cem anos atrás, na época do modernismo no Brasil, as questões ambientais, como mudanças climáticas e extinção de espécies, não tinham o destaque que têm hoje no debate público. Hoje, as ciências naturais já trabalham a ideia do “ponto de não retorno”, que trata da irreversibilidade, desse ponto de inflexão, em torno das questões ambientais. Ademais, à época do modernismo, o problema era tratado de uma maneira, de certo modo, localizada, outro exemplo é *O quinze*, de Rachel de Queiroz, e sem uma articulação com uma macroestrutura do colapso ambiental nos termos que se tem hoje. Na literatura contemporânea, há uma ligação das situações mimetizadas nos textos literários e o cenário mais amplo do colapso, assim como pode-se ver uma produção mais espalhada pelo país em torno do problema e que começa a se articular, ainda que de forma incipiente, como uma vertente.

É nesse cenário que *Erva brava*, coletânea de contos de Paulliny Tort (2021), se enquadra. Os doze contos que compõem o livro têm como cenário a fictícia cidade rural de Buriti Pequeno, no Centro-Oeste brasileiro e são cruzados por uma dinâmica de destruição da natureza em contato com o agro-negócio e a monocultura da soja, e que mantêm um diálogo desse ponto com populações indígenas e negras. No conto aqui tomado como objeto de análise,

“Má sorte”, o leitor é apresentado a Ezequiel, um trabalhador rural que trabalha em um silo de soja e se envolve em uma tragédia devido às negligências de seus patrões.

Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar o referido conto tendo em vista as reverberações das questões ambientais lidas pelo prisma do plantationoceno, conceito formulado por Donna Haraway e Ana Tsing (2016), que conecta as questões ambientais às dinâmicas da colonialidade. Assim, em uma primeira seção discuto o conceito proposto pelas autoras e, na sequência, apresento a análise considerando as ressonâncias da realidade lida como plantationoceno na carga simbólica que emerge da representação do espaço, do processo de figuração do personagem e da construção do enredo.

PLANTATIONOCENO: QUESTÕES AMBIENTAIS E COLONIALIDADE

Mudanças climáticas, aquecimento global, emissão de gases de efeito estufa, extinção de espécies de plantas e animais conduzem o químico atmosférico Paul Crutzen e o biólogo marinho Eugene Stoermer a propor o termo antropoceno. Em artigo de 2000, os autores entendem que a ação humana escalou a tal ponto que se tornou uma força geológica. É como se a ação humana tivesse força equiparada às atividades de um vulcão, por exemplo. Contudo, é necessário fazer um adendo ao tratar desse conceito, de que ele encerra disputas e tensões seja no campo teórico, seja no campo político.

Os autores utilizam, então, um prefixo que denomina a humanidade para formar a palavra que irá definir o nosso tempo, pois, para eles é a atividade humana que propulsiona o colapso ambiental. Como Crutzen e Stoermer (2000) tratam o antropoceno como um período na escala de tempo geológico, ainda que até o momento não aprovado pela Comissão Internacional de Estratigrafia, precisam de um início para ele. Encontram o ponto inicial do antropoceno na Revolução Industrial do século XVIII, com a invenção da máquina a vapor.

Até esse ponto, à primeira vista, trata-se de um assunto predominantemente das ciências exatas e naturais. Porém, se olharmos mais a fundo, pode-se ver que a discussão de Crutzen e Stoermer (2000) toca em questões caras às ciências humanas: primeiramente a própria problemática do humano, mas também por envolver questões atreladas a aspectos da existência humana como tempo, linguagem e agência. Desse modo, a discussão do antropoceno adentra ao escopo das humanidades que irão questionar alguns pontos da discussão.

Nesse sentido, destaca-se Jason Moore (2015) que, no livro *Capitalism in the web of life*, aponta o seguinte:

As with all fashionable concepts, the Anthropocene has been subject to a wide spectrum of interpretations. But one is dominant. This one tells us that the origins of the modern world are to be found in England, right around the dawn of the nineteenth century. The motive force behind this epochal shift? In two words: coal and steam. The driving force behind coal and steam? Not class. Not capital. Not imperialism. Not even culture... you guessed it: the Anthropos: Humanity as an undifferentiated whole (Moore, 2015, p. 173)².

² “Como todo conceito da moda, o antropoceno tem sido submetido a um amplo espectro de interpretações.

Nessa dinâmica, o autor entende que a era em que vivemos é marcada pelo capitalismo, em que os fluxos de capital se enredam às tramas da vida e dão as coordenadas da existência. Moore argumenta que não é o humano em si que está por trás das mudanças do planeta que resultam no aquecimento global, nas mudanças climáticas, na extinção de espécies e no genocídio de humanos e não humanos, mas o capitalismo. A crítica de Moore é de que o “humano” implicado na ideia do antropoceno é uma ideia demasiadamente genérica, não se localiza quem é esse sujeito e, então, ao apontar a uma humanidade “geral”, desconsidera que as possibilidades de agência são localizadas.

A respeito da questão temporal, Moore (2015) assinala que a origem do capitalismo, ainda na sociedade pré-industrial, seria o ponto zero dessa nova era em que vivemos. Vivemos em uma nova era, segundo o autor, pois o capitalismo engole todos os aspectos da vida: a mercantilização dos corpos, da força de trabalho, da natureza – a “natureza barata”, como chama o autor –, assim como podemos pensar, a mercantilização da linguagem, dos afetos, do tempo etc.

Em 2014, uma outra proposta entra no jogo: o plantationoceno. O conceito surge de forma espontânea durante a participação de Donna Haraway e Anna Tsing em uma conversa com Noboru Ishikawa, Nils Bubant e Kenneth Olwing promovida pela revista *Ethnos – Journal of Anthropology*. Em 2016, o diálogo dos pesquisadores foi publicado em forma de transcrição³ pela revista. Ao terem na mesa o tema do antropoceno, os pesquisadores discutem sua dinâmica quanto à agência e à marcação temporal escolhida, refletindo sobre o que de fato está por trás do colapso do planeta. Então, Anna Tsing e Donna Haraway, quase que de forma simultânea, pautam que a força motriz desse cenário é o sistema de *plantation* implementado pela colonização das Américas. Na fala de Haraway, os conceitos de antropoceno e de capitaloceno são tensionados:

The people that I know who use Anthropocene tend to emphasize the history from the mid-eighteenth century forward, and tend to take the use of fossil fuel as the key historical moment. The Capitalocene suggests a longer history. I think we are looking at slave agriculture, not coal, frankly, as a key transition (Haraway, 2016b, p. 555).⁴

Embora o capitaloceno proponha uma linha temporal mais extensa, Haraway destaca uma estrutura social mais antiga: a agricultura de base escravagista. A autora, então, não vê o carvão, ou a ação humana, e até mesmo os fluxos de capital como os elementos propulsores originários desse ponto de inflexão, mas um modo hostil e violento de ocupar a Terra/terra, tanto no sentido do planeta quanto no sentido do solo, que se propaga a partir da co-

Mas uma é dominante. Esta diz que as origens no mundo moderno são encontradas na Inglaterra, por volta do início do século XIX. A força motriz por trás dessa época de mudanças? Em duas palavras: carvão e vapor. A força por trás do carvão e do vapor? Não é a classe. Não é o capital. Não é o imperialismo. Nem mesmo a cultura... você adivinhou: o *anthropos*: a humanidade como um todo indiferenciável” (tradução minha).

³ Como o texto “Anthropologists are talking – About the anthropocene” se trata da transcrição de uma conversa, ao final, no rol de referências, o referencial com todos os autores, mas no corpo do texto, nas citações diretas e indiretas, menciona apenas qual dos autores enunciou aquela passagem.

⁴ “As pessoas que eu conheço e que usam antropoceno tendem a enfatizar a história da metade do século XVIII em diante e tendem a usar os combustíveis fósseis como chave do momento histórico. O capitaloceno sugere uma história mais longa. Eu penso que estamos olhando para a agricultura escravagista, não o carvão, francamente, como chave de transição” (tradução minha).

lonialidade⁵. Tsing, por sua vez, complementa dizendo que, nesse caso, talvez estivesse se falando do plantationoceno:

Anna

What thinking through capital means for knowing the Anthropocene might be to consider the importance of long-distance investors in creating an abstract relationship between investment and property. This new relationship makes it possible to turn ecologies into something completely different, even if their sites are very far away. This move, which I think of as alienation, changes the plants, the animals, and the organisms that become part of the plantation.

Donna

And the people!

Anna

The people, too, become alienated resources, and it is that move that has allowed the spread of the plantation system.

Donna

Maybe we should propose a different word to signal this? The Plantationocene? Maybe that is a better, more descriptive, term? [Laughter] Capitalism is a late development! (Tsing e Haraway, 2016, p. 556)⁶

A dinâmica da plantation instaura uma relação de alienação da terra e das pessoas. Sustentada pela mão de obra escrava, instaura-se uma estrutura social que opera de uma maneira hostil que baliza a relação a ser estabelecida entre o sujeito e a natureza crivada pelo extrativismo que, por sua vez, encerra uma dominação tanto da natureza (solo, plantas, animais) e das pessoas.

De acordo com Sophie Chao (2022), a *plantation*, como categoria analítica, é um lugar de violência antropogênica em relação a humanos e não humanos. Surgida ainda na Europa feudal do século XIV, foi espalhada pela modernidade colonial racializada na forma dos campos de cana-de-açúcar, tabaco, cânhamo e algodão nas Américas – sendo enfatizados pela autora os campos do Caribe e do Sul dos Estados Unidos, mas que pode contemplar os engenhos de cana-de-açúcar no Brasil colônia. Contemporaneamente, essa formatação, segundo a autora, pode ser encontrada no Sul Global nas fazendas soja, por exemplo. As plantations são erigidas dentro de um *modus operandi* formata-

5 Ao me referir à colonialidade, tenho em vista a concepção apresentada por Restrepo e Rojas (2009), da colonialidade como estrutura social que perdura a partir do colonialismo como o processo de dominação de corpos, mentes, subjetividades, identidades e saberes em um processo de hierarquização que situa esses aspectos em sua face eurocêntrica em uma posição privilegiada e os não europeus em um *lôcus* de marginalização, em um processo de subjugação e destruição.

6 “Anna

O que pensar através do capital significa para conhecer o antropoceno pode considerar a importância dos investidores a longa distância em criar uma relação abstrata entre investimento e propriedade. Essa nova relação faz isso possível ao tornar ecologias em algo completamente diferente, mesmo se seus lugares estejam distantes. Esse movimento, que eu penso como alienação, muda as plantas, os animais e os organismos que se tornam parte da plantation.

Donna

E as pessoas!

Anna

As pessoas, também, se tornam recursos alienados e esse é o movimento que permitiu que o sistema da plantation se espalhasse.

Donna

Talvez devêssemos propor uma palavra diferente para demarcar isso? O plantationoceno? Talvez esse termo seja melhor, mais descritivo? [risos] O capitalismo é um desenvolvimento tardio!” (tradução minha).

do pela colonialidade: a dominação dos corpos humanos, na forma do trabalho escravo, durante o período da escravidão, e da exploração da mão de obra agrária na contemporaneidade – ou em termos de escravidão contemporânea –, bem como do extermínio dos povos indígenas, da mesma forma que é a exploração e a destruição de não humanos, como a terra e as florestas.

Desse modo, ao pensar em plantationoceno, em vez de antropoceno, localiza-se melhor o problema. Com isso, quero dizer que não se coloca mais uma humanidade abstrata e genérica, como no *anthropos*, mas uma estrutura social que é espalhada e imposta ao redor do planeta pela colonização e mantida pela colonialidade. Assim, ao associar o colapso ambiental, na forma da destruição de mundos possíveis, à colonialidade, evidencia-se não apenas uma estrutura social, mas sujeitos que erigem esse sistema, o sujeito privilegiado da colonialidade.

Malcom Ferdinand (2022), que opta pelo uso do termo plantationoceno, destaca dois desdobramentos da dinâmica imperialista. O primeiro, o imperialismo ontológico, constitui-se como uma forma imposta de gerenciamento da vida humana em aspectos econômico, social e político. O segundo, imperialismo ecológico, diz respeito à imposição de um modo hostil, extrativista e violento de existir em relação à natureza, ou como pensa o autor, um modo colonial de habitar a Terra.

Desse modo, o autor identifica que é o imperialismo ecológico que sedimenta um caminho de destruição e esgotamento que conduz às dinâmicas de colapso do planeta. Portanto, abre-se uma via para pensar de maneira relacional as questões ambientais e a colonialidade. Sendo que ao equacionar esses vetores, pensa-se muito além de mudanças climáticas e outros sintomas mais comuns, mas se consideram os modos de produção, formas de ocupação do espaço, assim como o genocídio de humanos e não humanos.

A “MÁ SORTE” É A PLANTATION

Um dos sentidos da palavra “sorte” é destino, fado, sina, ou seja, uma força invencível que direciona todos os acontecimentos da vida. Contudo, a sorte anunciada no título é acompanhada de um adjetivo que projeta sobre ela uma carga negativa: má. Podemos ler, então, como uma força negativa que direciona a vida do protagonista. Nessa leitura do título, o leitor pode inferir, desde então, que haverá uma situação que remeterá ao infortúnio.

O conto relata um dia de trabalho de Ezequiel, nome que só aparecerá na última linha do conto, e a partir da sua jornada podemos visualizar a composição desse personagem. A voz narrativa o apresenta da seguinte forma: “Você diz que é domingo. E domingo é bom porque ganha mais. Não muito, mas melhor que dia de semana” (Tort, 2021, p. 28). Essas são as primeiras linhas do conto em que a articulação da voz narrativa já dá o tom identitário da figura ficcional: o seu posicionamento na cartografia social como um trabalhador. Essa dimensão da sua constituição ao ser colocada em evidência, desvela sentidos de um trabalhador explorado, pois o narrador destaca o domingo como um dia de trabalho e a má remuneração recebida.

A construção de Ezequiel é perpendicular à figuração do administrador da fazenda em que trabalha: “o administrador não é igual a vocês. Os óculos, o cinto, o branco da camisa dele, tudo brilha” (Tort, 2021, p. 29). Aqui é construído um processo de hierarquização entre os dois personagens a partir dos signos evocados pelos bens de consumo, enquanto o administrador ostenta um vestuário de qualidade, Ezequiel é obrigado a trabalhar aos domingos para ganhar um pouco mais de dinheiro e, economizando, comprar uma parabólica, como é dito pelo narrador:

Pensa no jogo, não admitiu para os companheiros, mas queria ter uma parabólica para ver os gols assim como os outros. Quem sabe trabalhando muitos domingos? Precisará beber menos, sair menos com os amigos, evitar o rio. Ainda se desse para tomar banho, mas não, você só fica lá, na beira, ouvindo música alta e gastando dinheiro com cigarro, petisco e bebida. Quantas vezes a mãe já não disse que essa vida é malsã? (Tort, 2021, p. 29-30).

O discurso do narrador, então, equaliza a figuração dos dois personagens em um contraste que se dá pelo acesso aos bens de consumo. Ezequiel quer comprar uma parabólica para poder assistir a jogos de futebol, mas esse item, dada a exploração da sua força de trabalho, está longe de ser adquirido. O sacrifício pessoal é evidenciado: se ele abrisse mão do seu lazer, talvez a compra da parabólica se aproximasse. O que é projetado no primeiro plano é uma situação de comprometimento da cidadania: primeiro, pela exploração, e segundo porque o seu exercício está atrelado ao consumo, em uma prática hostil de transformar o trabalhador não em cidadão, mas em consumidor (Mujica, 2018).

Ao dizer “ainda se desse para tomar banho” não é explicado diretamente o porquê. Porém, no parágrafo seguinte, é retomada a estrada, vetor espacial: “Vem à mente a imagem das plaquinhas que viu à beira da estrada, *variedade CP4 EPSPS*” (Tort, 2021, p. 30). A marcação em itálico refere-se a uma enzima associada ao uso de glifosato; então, pode-se inferir que, por conta do uso de agrotóxicos que permeia aquele ambiente, o rio está impróprio para banho devido a sua poluição e a sua contaminação. Nessa parte do excerto, abrem-se, dessa forma, duas questões: a primeira sobre a destruição do rio como uma ressonância da destruição da natureza, fruto de um habitar colonial da Terra (Ferdinand, 2022); e a segunda como uma separação das pessoas e da natureza provocada pela contaminação, enquanto um índice do antropoceno é desdobrado como plantationoceno. Como menciona Krenak (2020), esse cenário consiste em uma hostilidade para com a Terra em um crescente de destruição.

A evocação do discurso da mãe, que na forma como é articulado pela voz narrativa, é posto como uma constatação recorrente sobre a vida, de que ela é “malsã”. O adjetivo utilizado para caracterizar a existência quer dizer combatido, insalubre, nocivo. Essa vida insalubre é a vida desse trabalhador explorado. Em outros termos, a “vida malsã” reflete a exploração das pessoas no plantationoceno, uma vez que esse vetor é chamado à discussão por Haraway e Tsing (2016), em que o humano se torna um recurso alienado.

A situação a ser desenvolvida no enredo, a partir do dia de trabalho do protagonista, dimensiona essa posição da exploração do humano e da natu-

reza⁷ no plantationoceno. O trabalho de Ezequiel é, com seu próprio corpo, desentupir canaletas em um silo de armazenamento de soja. A atividade, insalubre e perigosa, resulta em uma tragédia:

Você olha para o lado, cadaços de suor saem de sua testa e pingam sobre a montanha, os outros dois também suam, fazem uma piada qualquer, riem. E é nesse instante, nesse átimo de riso, que os grãos desaparecem sob seus pés. Não, não são os grãos que desaparecem. É você que afunda, submerge no mar de soja feito um palito, só a cabeça fica de fora. Quando se dá conta do que está acontecendo, grita, se debate, procura um ponto de apoio para os pés e não encontra. Os grãos são muito pesados e quanto mais você se mexe, mais afunda. Os companheiros correm em sua direção, tentam agarrá-lo por baixo dos braços, tentam puxá-lo pela cabeça, tentam de tudo, mas nada funciona. Às pressas, os dois se encaminham para a saída do silo, gritam por socorro. Ei, vocês vão me deixar aqui? Eles deixam e agora você ficou sozinho, pensando em como os companheiros deviam estar com medo de afundar também. Com o cheiro mortício da fermentação muito perto das narinas, você tem certeza de que agora acabou, afundará de vez a qualquer momento. Mas calma. O pé direito, isso, o pé direito encontra um pequeníssimo ponto de apoio. É a marca da solda na parede do silo. Nela, você concentra toda a energia para manter o corpo à flor dos grãos. Tudo dói, principalmente o peito. A soja esmaga. Onde estão eles que não voltam? Socorro! Você grita para ninguém (Tort, 2021, p. 30-31).

Na passagem em questão há a complicação do enredo: durante o dia de trabalho, Ezequiel começa a ser soterrado pela soja. O trabalho que executa é de insalubridade e periculosidade, assim como as suas condições de vida, o que reforça o caráter de marginalização da figura ficcional. Ele precisa entrar em um silo e com o próprio corpo ir desentupindo as canaletas para que a soja não se acumule. Contudo, ao executar tal tarefa, vai afundando nos grãos a ponto de chegar ao soterramento e ter a sua vida comprometida pela pressão e pelo peso que as toneladas de soja colocam sobre seu corpo.

A narrativa simultânea articulada na segunda pessoa do discurso cria uma sensação de que a voz narrativa assiste à cena e se dirige ao próprio personagem, fazendo com que o leitor também ocupe esse lugar incômodo de espectador da catástrofe. A situação é narrada de certa forma com uma mudança abrupta: na oração “Você olha para o lado”, Ezequiel ocupa a função de focalizador daquela cena banal, em que vê o suor de seu corpo e ouve as piadas dos colegas. Porém, logo na sequência, o narrador passa a ser focalizador e a tragédia se anuncia: “os grãos desaparecem sob seus pés”. Em seguida, a voz narrativa utiliza um advérbio de negação jogando o foco da cena para o personagem, pois é ele que está afundando, ele está submergindo naquele mar de grãos de soja: “é você que afunda”. A mudança do sujeito constrói essa mudança no objeto de focalização e a partir de então é narrado o sofrimento de Ezequiel.

A voz narrativa utiliza os verbos “gritar” e “debater” para configurar a narração do estado de pavor que acomete o personagem, que é completada com a tentativa de salvamento encampada pelos colegas. Depois, na dinâmica de progressão narrativa, o sofrimento psíquico é arrematado pela sombra da

7 Falo “exploração do humano e da natureza”, separando-os discursivamente, como uma marcação retórica de ênfase, mas sem ter no horizonte uma dicotomia entre pessoa e natureza. Uma vez que a separação do sujeito da natureza é uma das raízes do problema ambiental no pensamento ocidental, pois como menciona Ailton Krenak (2020), não há nada no mundo que não seja natureza.

solidão, quando os companheiros vão buscar ajuda, manifestada pela voz do personagem colocada em discurso indireto livre, seguida da constatação do narrador de que ele realmente estava só. Na sequência, o sofrimento do corpo é retomado – “tudo dói” – e forma a cena da tragédia em um quadro dantesco em que a expressão da própria dor é interdita ao personagem: “é impossível chorar; os pulmões espremidos pela soja não permitem” (Tort, 2021, p. 31).

Os bombeiros precisam vir de outra cidade para o resgate, pois naquele rincão do Brasil profundo não havia. A solução encontrada pelos socorristas é abrir a parede do silo e, então, é que se forma uma das imagens que fazem o plantationoceno reverberar no conto a partir de um jogo de oposições:

O administrador, relutante, ouviu os argumentos – é preciso reduzir a pressão sobre seu corpo ou não poderão retirá-lo com vida – e a autorização saiu assim, a contragosto, mas saiu. Retumbam os sons no metal, estão tirando medidas do lado de fora, os bombeiros precisam ser ágeis e cuidadosos. Os gases naturais da fermentação, quando se encontram com as faíscas, podem jogar tudo pelos ares. E bum! Lá se vai o silo tão caro, a vida tão pequena, os bombeiros, os grãosinhos, e começa uma chateação para o dono da soja (Tort, 2021, p. 33).

Aqui é retomada uma oposição apresentada já no início do conto entre Ezequiel e o administrador, erigida pelos bens de consumo. Neste excerto, os dois sujeitos são situados em polos opostos do cenário do plantationoceno: Ezequiel, a vítima, e o administrador, o algoz. Embora toda dicotomia seja problemática, aqui nos é útil para vermos a oposição de forças, pois de um lado há o administrador que não se compadece do sofrimento e tem uma postura que prioriza a *commodity* em detrimento da vida humana; do outro, há um trabalhador prestes a ter a sua vida ceifada pelas más condições de trabalho no meio agrícola. O trabalhador, por sua vez, não recebe nenhum tipo de zelo do seu empregador, que não o vê como humano, mas como uma força de trabalho bruta, desprovida de qualquer subjetividade e aí se reitera a compreensão de Haraway e Tsing (2016) de que a exploração do humano e da natureza não se distinguem perante a hostilidade do plantationoceno.

Essa oposição é sustentada pelos mecanismos de modalização gerenciados pela voz narrativa para compor a cena em discurso. O narrador utiliza o lexema “relutante” para descrever a postura do administrador diante dos argumentos dos bombeiros e “contragosto” para demonstrar a resistência que teve diante da única saída possível. O comportamento resistente do personagem coloca a questão: contra o que resiste? A sua resistência é diante do reconhecimento do valor da vida do trabalhador e o vocábulo “chateação” reforça a ausência de consideração pela vida do personagem em agonia. Dentro da matriz ideológica na qual opera a agência do personagem, aquela vida é apenas mais um recurso alienado (Tsing e Haraway, 2021).

Ademais, os comentários do narrador prosseguem essa oposição. Ao explicar o porquê da necessidade de abrir o silo, a construção é oposta à vida. O silo é caracterizado, com um tom irônico da voz narrativa, como caro e a vida como pequena. A vida se encolhe diante da grandeza não apenas do silo, mas da carga simbólica do plantationoceno que ele revela nesse fragmento do discurso narrativo.

Depois dos bombeiros realizarem o seu trabalho, o desfecho do enredo é construído com certa abertura, a última sentença do conto é enunciada pelo narrador: “Apenas reconhece seu nome quando dizem: Ezequiel, tá perto de acabar” (Tort, 2021, p. 34). Assim termina a narrativa, com uma dupla possibilidade de conclusão: em uma, o personagem sobrevive e na outra o personagem sucumbe diante da tragédia e morre. O verbo “acabar” constrói a polissemia do enunciado, o que pode acabar é a situação em si e o salvamento do trabalhador ser bem-sucedido, ou o que pode acabar é a vida do personagem e culminar com a sua morte. Independentemente das possibilidades de desfecho, em ambas a vida do trabalhador é violentada por um sistema hostil de exploração e destruição da vida humana e da natureza.

Ezequiel ocupa o lugar de vítima do sistema colonial que impõe um modo de habitar a Terra. Malcom Ferdinand (2022), ao problematizar o plantationoceno, executa o alinhamento do sistema de *plantation*, a colonialidade e o problema ambiental. Desse modo, o autor destaca, em um quadro figurativo, que ao passar por uma tempestade – que seria o projeto da modernidade –, quem ocuparia o porão do navio a atravessar essa tormenta em alto mar? No porão, estão os “condenados da terra”, para usar o pensamento de Frantz Fanon (2008). Ezequiel é um condenado da terra, ele é um trabalhador explorado e que tem a sua subjetividade dilacerada por uma estrutura de poder que hierarquiza humanos e não humanos em um modo hostil de existir e estar no mundo.

Em último movimento de análise, chamo a atenção para um aspecto determinante na configuração do plantationoceno como potência de sentido no conto de Tort, a soja. A planta é um vetor silencioso e, ao mesmo tempo, poderoso na conformação da diegese. O espaço ficcional em que se desenrola a trama é uma fazenda de soja que coloca esse elemento como um vetor central nas dinâmicas do sentido. A caminho da fazenda, o narrador, aproximando-se da perspectiva do personagem, diz: “Por onde passa, você vê a soja que desponta homogênea, cobrindo a terra como um tapete de silêncio. O único som naquele deserto verde é o da sua moto” (Tort, 2021, p. 28). A soja é um índice de representação da monocultura, característica do sistema da *plantation* e, como destaca Haraway (2016), por extensão, do plantationoceno; ela desponta homogênea, ou seja, ela impera naquele território em detrimento a outras espécies de plantas. É produtiva a forma como a voz narrativa representa a plantação de soja como um tapete de silêncio, o contínuo verde da soja que não dá espaço para outras plantas. Embora seja uma paisagem verdejante, o narrador representa esse espaço como um deserto, ou seja, como algo sem vida e, além disso, como um vetor de destruição dada a placa que o personagem vê no caminho, indicando a variedade transgênica e o uso de glifosato que fica implícito no conto.

Ademais, a soja significa esse cabedal de violências que representa o plantationoceno, como um sistema que violenta humanos e não humanos. Além da paisagem homogênea da monocultura que se erige em detrimento de outras espécies de plantas, a soja destrói o humano ao ser o mecanismo pelo qual se dá a destruição do corpo do personagem: “a soja esmaga [...] vai morrer em mar seco” (Tort, 2021, p. 31). Nessas duas orações, a soja é a materialida-

de do plantationoceno que executa a missão da destruição: a soja esmaga o corpo, mas também esmaga a cidadania e a subjetividade do personagem que irá morrer naquela imensidão de grãos, mas que ao contrário do mar que pode ser um símbolo de vida, aquele mar é seco, é um mar que representa a morte.

Adiante no discurso narrativo, o narrador observa: “a soja quer mastigá-lo, engoli-lo, o que é irônico porque você nunca provou desses carocinhos” (Tort, 2021, p. 32). Há um embate entre o personagem e a soja, mas um embate em que Ezequiel não consegue sequer resistir, a soja é metonímia do plantationoceno, pois não é apenas a soja em si que o esmaga, o engole e o mastiga, é uma estrutura de poder que o despoja da sua subjetividade e da sua humanidade. Como lembra Chao (2022), a plantation é um espaço da violência contra humanos e não humanos: a violência contra humanos é encenada de forma explícita do esmagamento do personagem e no seu sofrimento, e a violência contra não humanos é reverberada de forma mais sutil pela imagem da soja como a monocultura que sufoca uma variedade de espécies em benefício de uma única feita de *commodity*.

Portanto, a *plantation* é a má sorte de Ezequiel. A força que determina a sua sina é uma estrutura de poder imposta pela colonialidade que delimita os modos de existir e de estar no mundo em um processo de hierarquização, dominação e destruição. A tessitura do conto se estrutura em torno do alinhamento entre as questões ambientais e da colonialidade, junção que estrutura a categoria teórica do plantationoceno, explorando o atravessamento dessa realidade hostil na vida do personagem e do mundo ao seu redor, destacando os desdobramentos do sujeito com a problemática ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulliny Tort, no conto “Má sorte”, faz volume a uma perspectiva da produção literária atual empenhada em representar o colapso ambiental que afeta humanos e não humanos de diferentes formas. Para além de elementos comuns de se pensar no que tange à problemática ambiental, como enchentes, mudanças climáticas e desmatamentos, equaliza-se o humano diante de uma estrutura de poder que coordena o cenário de destruição do humano e do não humano.

Nesse sentido, é inegável que as questões ambientais sejam uma das demandas mais urgentes do nosso tempo. Essa realidade é tratada por diferentes matrizes teóricas, desde as ciências exatas e naturais até as ciências humanas, e servem de operadores analíticos para a produção literária que faz esse dado do real ressonar no campo literário. Nesse sentido, o antropoceno, inicialmente, seguido dos desdobramentos conceituais que surgem, como o plantationoceno, tornam-se categorias a serem mobilizadas em benefício da interpretação da textualidade literária.

No conto analisado, pode-se averiguar que as dinâmicas ambientais, aqui tratadas como plantationoceno, reverberam na configuração, na estrutura do conto. Destaca-se, em “Má sorte”, que os vetores do plantationoceno são elementos preponderantes no processo de figuração do personagem – sua condição marginalizada em um sistema de exploração do humano e do não

humano –, na construção do enredo – a situação trágica que desencadeia a ação mimetizada na diegese – e o espaço que centraliza a soja enquanto um índice da monocultura, representativo do plantationoceno.

Em vista disso, há um diálogo entre as estruturas intratextuais e extratextuais, haja vista que o gerenciamento dos processos de significação é tocado pela realidade do modo colonial de habitar a Terra. Esse jogo é mútuo: à medida que o conto reverbera o contexto social do plantationoceno, reclama para si sentidos advindos desse cenário, ao mesmo tempo que projeta significações para o real.

REFERÊNCIAS

BBC, Brasil. **Transformamos pobres em consumidores e não em cidadãos**. Entrevista concedida por José Mujica a Ana Maria Bahiana - de Los Angeles para a BBC News Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil46624102?ocid=social-flow_facebook&fbclid=IwAR39kj1CwRfX4C8_JxHoDiifC4-hrsppg2VHl0L1rpftxSaBsK-VWzehtp6o. Acesso em: 10 dez. 2024.

CHAO, Sophie. Plantation. **Environmental Humanities**, v. 14, p. 361-366, 2022.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The anthropocene. **IGBP Newsletter**, v. 41. p. 17-18, 2000.

FANON, Frantz. **The wretched of the earth**. Trad.: Richard Philcox. New York: Grove Press, 2004.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenh**. Trad.: Letícia Mei. Edição Kindle. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna; TSING, Anna; ISHIKAWA, Noboru; GILBERT, Scott F; OLWIG, Kenneth. Anthropologists are talking about the Anthropocene. **Ethnos**, v. 81, n. 3, p. 535-564, 2016.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

MOORE, Jason. **Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital**. London: Verso Books, 2015.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Introducción crítica al pensamiento decolonial**. Maestría en Estudios Culturales. Bogotá: Universidad Javeriana, 2009.

TORT, Paulliny. Má sorte. In: TORT, Paulliny. **Erva Brava**. São Paulo: Fósforo Editora, p. 28-34, 2021.